

11 ANOS DO PAPA FRANCISCO: RUPTURA OU CONTINUIDADE?

11 Years of Pope Francis: Rupture or Continuity?

Vander Sebastião Martins*

RESUMO: Este artigo examina a surpreendente eleição do Papa Francisco em 2013 e o impacto significativo que ele teve na Igreja Católica nos últimos onze anos. Diferente de seus predecessores, Francisco foi uma escolha inesperada, trazendo esperança de mudanças profundas. Sua abordagem pastoral enfatiza humildade, misericórdia e foco nos marginalizados, desafiando prioridades doutrinárias tradicionais. Ele se tornou um defensor vocal dos migrantes e da proteção ambiental, notavelmente através de sua encíclica *Laudato Si'*. Apesar de enfrentar forte resistência de facções conservadoras dentro da Igreja, seus esforços para internacionalizar o catolicismo e priorizar questões de justiça social marcam uma era transformadora no catolicismo moderno.

PALAVRAS-CHAVE: Papa Francisco. Eleição. Reforma. Igreja Católica. Transformação.

ABSTRACT: This article examines the surprising election of Pope Francis in 2013 and the significant impact he has had on the Catholic Church over the past eleven years. Unlike his predecessors, Francis was an unexpected choice, bringing hope for profound changes. His pastoral approach emphasizes humility, mercy, and a focus on the marginalized, challenging traditional doctrinal priorities. Francis has become a vocal advocate for migrants and environmental protection, notably through his encyclical *Laudato Si'*. Despite facing fierce resistance from conservative factions within the Church, his efforts to internationalize Catholicism and prioritize social justice issues mark a transformative era in modern Catholicism.

KEYWORDS: Pope Francis. Election. Reform. Catholic Church. Transformation.

* Presbítero da Arquidiocese de Mariana, Minas Gerais, Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (PUG); professor da Faculdade Dom Luciano Mendes (Mariana/MG) e do Seminário Dom José André Coimbra (Patos de Minas/MG). ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9224-2225>.

1. Eleição de Francisco: uma surpresa para o mundo

A eleição do Papa Francisco, no dia 13 de março de 2013, foi recebida com imensa surpresa e com enorme esperança por milhares de fiéis católicos espalhados pelo mundo. Normalmente, a eleição e anúncio do nome de um novo papa são uma novidade para a maioria das pessoas. Exceção talvez tenha sido a eleição do Papa Bento XVI, que naquela ocasião era considerada como certa por toda a Igreja. No caso específico do papa alemão, grande surpresa seria a eleição de outro cardeal. Jorge Bergoglio, além de ser pouco conhecido entre os principais cardeais da Igreja naquela época, estava muito longe de Roma e não era cogitado para substituir Bento XVI.

A eleição de um papa latino-americano, pela primeira vez na história, jesuíta, surpreendeu boa parte do mundo católico, formado por mais de 1.3 bilhão de pessoas. A razão da surpresa converteu-se também numa fonte de esperança. O mundo parecia convencido que um papa proveniente de um contexto eclesial tão diversificado não deixaria de promover mudanças profundas na vida da Igreja. Com a eleição de Jorge Bergoglio começava a ser vislumbrado um novo horizonte para a Igreja.

Em sua primeira aparição, Francisco encantou a multidão que se apertava, na Praça São Pedro, para saudá-lo e escutar sua primeira mensagem como papa eleito, quando se curvou e com humildade suplicou que todos rezassem por ele. Esta atitude manifestou ao mundo que ele era um pastor humilde e humano, que estava consciente do tamanho da responsabilidade que pesava sobre seus ombros e, também, da sua fragilidade. Daí o pedido de oração.

Sobre esse episódio a professora da Universidade da Virgínia, especialista em assuntos religiosos, afirmou para o *National Catholic Reporter* (2023) “esta cena na varanda (Vaticano) daquela noite imediatamente indicou para os que tinham olhos para ver e ouvidos para ouvir que poderíamos ter um tipo diferente de pontificado”.

As expectativas depositadas no novo Papa estavam corretas, pois foi considerado pelo “*Time*”, naquele mesmo ano, a personalidade do ano de 2013. O artigo que anunciava sua escolha afirmou “Ele escolheu o nome de um santo humilde e depois anunciou uma igreja do cuidado. O primeiro papa não-europeu em 1.200 anos está determinado a transformar o lugar que mede as mudanças ao longo dos séculos”.

2. Francisco um pastor zeloso

A perspectiva e sensibilidade pastoral de Francisco, segundo seus estudiosos, constituem a chave para uma justa compreensão de seu pontificado. Seu zelo pastoral é que explica suas habilidades como reformador e mestre da fé. Segundo Michael Sean Winters, jornalista americano e correspondente em Roma, nos dois últimos séculos, um dos papéis mais importantes do Papa é o de ser mestre na fé. Os novos desafios e novas questões suscitados nos últimos séculos exigem inteligência, coragem, criatividade e enorme sensibilidade dos papas.

Os Insights de Francisco como pastor da Igreja vão muito além das preocupações morais da teologia e das pretensões de clareza doutrinal que reinam na mente dos conservadores. Seus insights pastorais iluminam tanto os caminhos para a evangelização da complexa zona ocidental, tão marcada pelo desânimo e declínio, como favorecem também a evangelização do sul global, esperança e futuro do catolicismo.

A ênfase e prioridade de Francisco são a pregação do evangelho, do querigma, e do anúncio da proximidade e misericórdia de Deus. Apesar da resistência da ala conservadora, o Papa permanece anunciando a misericórdia de Deus e dá exemplos de pastor zeloso. Em 2016, ao visitar um centro católico de reabilitação de dependentes químicos, em Roma, ele encorajou os pacientes a confiar na misericórdia e a permanecer fortes.

Importante para Francisco é dar lugar ao amor incondicional de Deus nas atividades pastorais. Lamenta e se entristece quando

constata que colocamos muitas condições ao falamos da misericórdia de Deus. Ela é incondicional e infinita, quando insistimos em condicionamentos, nós a esvaziamos de seu significado concreto e profundo. Os opositores do Papa o criticam por lembrar demasiadamente da misericórdia e se esquecer da justiça. Ao lado do Deus misericordioso está também o Justo Juiz, recordam. Francisco, porém, está profundamente convencido que a misericórdia é hoje o caminho para fazer o evangelho de Cristo florescer. Em sua concepção o tempo da justiça divina cedeu lugar ao tempo da misericórdia. Gosta de repetir em alguns contextos específicos, como veremos mais abaixo, “quem sou eu para julgar”?

A paixão de Francisco pelo tema da misericórdia está intimamente ligada à sua concepção de Deus. Quem é Deus, pergunta. E responde, Deus é Aquele que está próximo, Aquele que é ternura e misericórdia. Para ele esta é a única realidade de Deus. Jesus nos revela, inúmeras vezes, a face misericordiosa de Deus nos evangelhos.

Por essa razão o Papa nos aconselha a rever nossa maneira de falar ao povo. Em sua opinião, em nossas pregações, acentuamos demasiadamente o que os fiéis devem fazer para ganhar o Reino dos céus. Isso não está incorreto, mas segundo ele o centro da nossa pregação deve ser o anúncio da proximidade e misericórdia de Deus. É preciso definitivamente deixar claro que Deus é proximidade, misericórdia e ternura.

Mais do que fazer coisas, o Papa recomenda que abramos o nosso coração para experimentar o amor de Deus. E permitir que ele nos renove e transforme nossa mentalidade. A tentação de ocupar o centro e de ser protagonistas está sempre por perto, nos rondando. A inclinação a fazer coisas é forte em nós. É preciso resistir e permitir que a misericórdia infinita entre e transforme o nosso ser. Deus é quem deve realizar em nós a sua obra.

É preciso vencer nossa inclinação de querer fazer para dar lugar ao ser. É preciso apreciar mais a escuta do que a fala. É urgente exercitar a passividade, que é a ação de apenas acolher o dom que nos

visita. É preciso acolher a misericórdia infinita e deixar que ela nos modele como o barro nas mãos do oleiro, entrega total. Eis a nossa cooperação, abrir nosso ser a Deus.

3. As marcas do Papa Francisco

O Papa Francisco, que fora recebido como um outsider e reformador natural, conseguiu imprimir suas características pessoais na dinâmica da Igreja nesses últimos 11 anos e tem realizado mudanças significativas, abrindo novos caminhos e lançando novos pilares, como por exemplo, a questão da migração e do meio ambiente.

Desde o início de seu pontificado, Francisco tem sido uma voz solitária a gritar em favor dos imigrantes. O mundo tem a necessidade de reconhecer com urgência a humanidade dos imigrantes. Nem sempre sua voz encontrou acolhida nos ouvidos das lideranças políticas ocidentais e as barreiras e muros para negar asilo aos imigrantes surgem e se multiplicam por toda parte. O Papa, invencível, não se cansa de manifestar sua compaixão e solidariedade ao imigrante e a seu mundo caótico. Visitar acampamentos de refugiados, lavar os pés dos imigrantes na Quinta-Feira Santa e abrir as portas do Vaticano para abrigá-los são atitudes e sinais usados para manter a agonia e desespero de milhares de imigrantes no debate internacional. A esperança de socorro e de encontrar ouvidos generosos é infinita.

Não há como esquecermos da primeira viagem do Papa Francisco e das perguntas que ele dirigiu ao mundo por ocasião da sua ida à Lampedusa, em julho de 2013. Ao lamentar a morte de tantos imigrantes o Papa lembrou das perguntas que Deus fez logo no início da história humana: *“Adão, onde estás? E onde está o teu irmão? Em seguida perguntou ao mundo “quem de nós chorou por este fato e por fatos como este? Quem chorou pela morte destes irmãos e irmãs? Quem chorou pelas mães jovens que traziam seus filhos? Por estes homens cujo desejo era conseguir qualquer coisa para sustentar as próprias famílias?”*. Com suas perguntas, o papa nos coloca como responsáveis uns pelos outros e condena nossa insensibilidade. Após

11 anos da visita do papa, mais de 26 mil pessoas morreram, porém, a sua luta continua.

O tema do meio ambiente foi introduzido nos debates da Igreja por Francisco. É mérito seu ter chamado a atenção do mundo para um tema assim tão urgente. Antes de Francisco, a questão do cuidado com o meio ambiente, era um assunto raro e sem a devida importância. Porém, depois da Encíclica *Laudato Si*, publicada em maio de 2015, o meio ambiente se tornou importante bandeira de seu pontificado. *Laudato Si* é o principal documento papal sobre meio ambiente em toda a história da Igreja.

O documento transcendeu os muros da Igreja e encontrou acolhida fora do ambiente católico. A admiração pelo Papa Francisco cresceu consideravelmente depois da *Laudato Si*. A Encíclica expressa e traz para o debate público a preocupação do papa acerca do futuro do planeta e das gerações. Numa demonstração de grande coragem, denunciou a ferocidade da exploração da natureza e clamou por uma proteção mais cuidadosa, tanto moral como social do meio ambiente. Até os críticos do papa constataram que o documento deixou claro que a indevida exploração e roubo da natureza são pagos com o sacrifício e morte dos pobres.

A internacionalização do catolicismo foi mais uma marca da Igreja de Francisco nesses últimos 11 anos. Proveniente da América Latina, Francisco parece ter compreendido, desde o início do seu pontificado, que o futuro da Igreja Católica está bem distante da Europa. Aliás, os bancos vazios da Igreja Europeia apontam que ela não é mais o centro do catolicismo. Impotente e moribunda, tornou-se incapaz de despertar esperanças em relação ao futuro.

Por fim, há outro fator que favoreceu a internacionalização da Igreja. Os movimentos do Papa em direção a outros continentes, como Ásia e África. Francisco alargou os horizontes da Igreja e passou a considerar o Sul Global o futuro do catolicismo. Além das viagens para lugares considerados periféricos até então, Francisco nomeou um significativo número de cardeais para esses lugares historicamente

menos representados. Para os especialistas, as ações de Francisco revelam sua intenção de encaminhar e preparar o terreno para a eleição de um outsider, como ele, para ocupar num futuro bem próximo a Cátedra de São Pedro.

4. As origens da resistência e das críticas a Francisco

Ironicamente, o Papa da misericórdia costuma ser criticado aberta e impiedosamente por seus opositores. Não é tarefa simples indicar as origens e motivações dos ataques ferrenhos que golpeiam incessantemente o Papa. As críticas às autoridades não são um fenômeno isolado em nossos dias. Há líderes nacionais e internacionais constantemente na mira dos novos profissionais da comunicação, dos chamados influencers que usam e abusam das redes sociais. Não se sabe ao certo quais são as motivações e nem sempre é fácil indicar suas origens, mas o que se sabe é que elas existem como nunca antes e imaginamos que causam sérios prejuízos tanto ao papa como à Igreja.

No entanto, aqui vamos nos ater às críticas mais abertas e diretas a Francisco, especialmente das que brotam dentro da própria Igreja, da denominada ala conservadora. Não é exagerado afirmar que os 11 anos de Francisco à frente da Igreja foram marcados por críticas persistentes. Algumas semanas depois de sua eleição, alguns nomes poderosos da ala conservadora da Igreja Católica começaram os ataques ao Papa. Personalidades que eram famosas por defender os papas anteriores, se voltaram contra o atual pontífice de forma declarada e inimaginável.

Em seu livro *“The Outsider: Pope Francis and His Battle to Reform the Church”*, Christopher Lamb sustenta que os críticos rejeitam o estilo pastoral de Francisco absolutamente e o acusam de ser desarticulado e confuso, especialmente quando aborda temas complexos como homossexualidade, aborto, anticoncepcionais, dentre outros ligados à moral. Resistem e rejeitam o papa em todos os aspectos, justificando que a doutrina da igreja aplicada por ele é

confusa, prejudica a comunhão entre os fiéis e ameaça a autenticidade do ensinamento da Igreja.

Massimo Faggioli, outro estudioso de Francisco, constata que as críticas a Francisco surgiram logo após a sua eleição. Na Cerimônia da Quinta-Feira Santa de 2013, quando optou por lavar os pés de 12 jovens, incluindo duas mulheres e dois muçulmanos. As críticas abertas ao estilo de Francisco tiveram início na celebração da sua primeira Semana Santa e não pararam mais, ao contrário, se intensificaram cada vez mais.

Especialistas, jornalistas, teólogos e blogueiros católicos, que estudaram Francisco e seu pontificado, sustentam a existência de uma dinâmica ou processo que teve origem na noite mesmo em que Francisco fez sua primeira aparição na varanda do Vaticano. Esse processo segue se afirmando e se alimentando indefinidamente.

No dia 13 de março de 2013 o Papa se apresentou aos fiéis vestindo uma batina branca, porém, sem a costumeira estola papal bordada a ouro. Esse fato somado ao gesto de se curvar em silêncio e o de pedir que a multidão rezasse por ele, revelavam que suas prioridades eram substancialmente diferentes daquelas de seus predecessores imediatos. A primeira aparição do papa foi suficiente para despertar a fúria dos seus críticos, que só cresceu com o passar dos anos.

À rejeição e perseguição dos conservadores se somam os ataques provenientes da ala mais progressista da Igreja, que acusam Francisco de ser impotente para implementar as necessárias mudanças na Igreja, a fim de torna-la mais democrática. O povo acolheu e abraçou Francisco desde o início de seu pontificado, porém a vida dele como papa não é nada fácil, pois está constantemente sob a mira das alas conservadora e progressista, ao mesmo tempo.

A indignação da ala conservadora com o Papa Francisco é bastante compreensível. Os conservadores se acostumaram nos últimos anos com o modelo de Igreja de João Paulo II e Bento XVI.

Quando Francisco se torna o sucessor de Pedro, esse modelo é abandonado para o surgimento de um novo estilo de ser Igreja. Porém, os conservadores consideram perfeito o modelo anterior. Para a ala conservadora João Paulo II e Bento XVI davam segurança e unidade à Igreja e pensavam que o modelo instituído por eles fosse perdurar acriticamente ao longo dos tempos. Estavam convencidos de que a visão de igreja dos predecessores fosse plena, definitiva e absoluta.

Para a ala conservadora as principais mensagens e ensinamentos de João Paulo II e Bento XVI são as verdadeiras e ainda atuais, e, por isso, devem ser pregadas ainda hoje. Querem empunhar para sempre a bandeira da luta organizada e incansável contra a ditadura do relativismo. A preocupação central dos conservadores é manter a posição, defender as regras e sustentar a igreja como comunidade pura, separada e diferente substancialmente da cultura mais ampla e contaminada do mundo. Isso explica a tristeza e a decepção da ala conservadora, Francisco não considera que esta bandeira tenha que ser prioridade para os tempos atuais.

As críticas se intensificaram e ganharam corpo mesmo entre 2014 e 2016, quando o Papa publicou a Encíclica *Laudato Si* e denunciou a emissão dos combustíveis fósseis como a principal responsável pelas mudanças climáticas, constituindo uma séria ameaça ao meio ambiente.

A reação dos conservadores não tardou, foi feroz e imediata. Acusaram o posicionamento do Papa de ser parte e aliado da agenda do globalismo e do controle populacional. Foi a partir desse documento também que os defensores e entusiastas do capitalismo começaram a ver em Francisco uma ameaça marxista e um potencial inimigo do progresso.

Segundo o comunicador oficial da Conferência dos Bispos dos Estados Unidos, Mike Lewis, a *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, de 2013, foi o primeiro documento de Francisco que incomodou a ala conservadora. A exortação indicava o caminho pastoral que a Igreja deveria percorrer. Defendia que a missão

evangelizadora devesse dar atenção especial aos marginalizados e às periferias. A intenção de Francisco foi a de despertar novo entusiasmo na pregação do Evangelho. Lembrou da importância do tema da justiça social e colocou os cristãos como agentes sociais e promotores da justiça. Denunciou abertamente a desigualdade econômica e manifestou suas reservas ao capitalismo, segundo ele selvagem e desregrado.

Sensibilizado pela figura de Francisco, o comunicador citado acima abandonou a Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos a fim de criar um blog para acompanhar e defender as ações e publicações do Papa contra os injustos ataques da ala conservadora da Igreja.

O estilo de Igreja de Francisco causa desconforto nos conservadores porque contraria suas expectativas e frustra seus sonhos. Ao invés de abordagens mais progressistas em questões sociais, como a pobreza, a imigração, o meio ambiente e a justiça social, prefeririam ver abordagens mais ortodoxas e contrárias ao que eles denominam agenda progressista.

Constantemente o Papa acusa o clericalismo e a ânsia pelo poder como entraves ao sucesso da Igreja de Jesus. Enfatiza a importância da humildade, do serviço aos outros e da renúncia ao poder e privilégios pessoais. Deseja uma Igreja mais próxima das pessoas, menos preocupada com a burocracia e mais atenta aos ensinamentos de Jesus, de maneira especial aos pobres e marginalizados. Suas críticas visam promover uma mudança de mentalidade, mas os conservadores não se deixam convencer.

5. As motivações da resistência ao Papa

São inúmeras as tentativas de explicar as intermináveis resistências que se levantaram contra o Papa Francisco ao longo de seus 11 anos de pontificado. As explicações são inúmeras, e juntas, esclarecem de forma convincente o que está por detrás das críticas e animosidades que se levantam contra Francisco. Uma única razão, por

melhor que seja, não dá conta de esclarecer suficientemente essa questão. Parafraseando um antigo filósofo podemos afirmar que esta é uma questão que se explica de muitos modos.

Para Christopher Lamb os ataques políticos ao Papa são uma reação bastante comum às lideranças mundiais que se destacam pelo posicionamento pessoal diante das grandes questões e desafios do mundo moderno. São ataques comuns a líderes que fazem a diferença no cenário internacional. O Papa é um líder mundial e se posiciona com muita clareza sobre temas polêmicos e isso causa reações. O mundo todo sabe da posição do papa em relação às guerras. Prontamente o papa afirma que com a violência das guerras todos perdem, não há vencedores. Portanto, as críticas políticas, ainda que causem danos e dores, são comuns. E com os meios de comunicação, tudo fica mais evidente e repercute imediatamente.

Estudiosos defendem, porém, que com relação a Francisco, independentemente de sua posição, uma forte resistência ao seu pontificado seria inevitável. O mundo desacostumou a lidar com um Papa proveniente de alguma outra parte do mundo que não fosse a Europa. Portanto, do simples fato de ser de origem Argentina, do continente Latino-Americano, brotam espontaneamente enormes resistências e reservas. A primeira resistência é cultural, depois de 1.200 anos, Francisco foge à regra e se apresenta como o Pastor da Igreja Universal. Francisco não é mais uma extensão da Europa Católica e isso faz toda a diferença. O fato de não ser europeu suscita resistências e questionamentos. Que fará em Roma este papa vindo de tão longe? Ele próprio brincou no dia da sua eleição, dizendo que os cardeais foram buscar um papa “no fim do mundo.” Era evidente, desde o início, que um papa jesuíta, proveniente da Argentina, provocaria no mínimo um sentimento de desconforto e algumas suspeitas.

Francisco constitui uma ameaça à frenética corrida por poder e prestígio que, infelizmente, há dentro da Igreja. Os carreiristas resistem à figura de Francisco, ainda que silenciosamente, por ele

defender uma Igreja simples, humilde, servidora e fiel a Cristo. Em 2014, em discurso à Cúria Romana, Francisco revela como os membros curiais deveriam se comportar para honrar a Cristo “Faz-nos bem pensar na Cúria Romana como um pequeno modelo da Igreja, isto é, como um “corpo” que procura, séria e diariamente, ser mais vivo, mais saudável, mais harmonioso e mais unido em si mesmo e com Cristo.” Completa sua fala, afirmando que a Cúria e a Igreja são um corpo e como tal, para estar vivo e saudável, precisa alimentar-se bem, não podendo faltar a palavra de Deus e a participação ativa e assídua nos sacramentos.

Sem esse alimento não há nenhuma possibilidade de aperfeiçoamento, além de comprometer seriamente a comunhão, a santidade e a sabedoria. Um corpo vivo, sem alimento, está constantemente em perigo, sujeito ao adoecimento e à morte. Na sequência, o Papa elenca uma série de “doenças” que compromete e coloca em risco a vida da Igreja. Ele as chama de doenças curiais e aponta que elas “enfraquecem o nosso serviço ao Senhor”.

As críticas e análises de Francisco buscavam recuperar a saúde e vitalidade do “corpo” curial. Atuou como clínico geral que constata as doenças com a única finalidade de combater o mal e recuperar a saúde do corpo. As doenças comuns da Cúria Romana são as mesmas que causam males e enfraquecimento das igrejas particulares espalhadas pelo mundo. O exame clínico do médico Francisco constatou a existência de sérias enfermidades no corpo curial, dentre elas se destacam: sentimento de ser indispensável; trabalho excessivo com pouca oração; endurecimento do coração; fechamento às novidades do Espírito; rivalidade e vanglória; hipocrisia e vida dupla; espírito de murmurações e de divisão; indiferença e insensibilidade com os outros; ganância e exibicionismo.

O tiro saiu pela culatra. No lugar de motivar a ida à farmácia para adquirir os remédios e assim combater as doenças e vencer os males, o discurso do Papa Francisco produziu maior fechamento dos corações. As resistências e críticas ao pontificado de Francisco

aumentaram significativamente dentro e fora da Cúria Romana depois desse discurso de Natal.

A convocação e realização do Sínodo sobre a família aumentaram consideravelmente a hostilidade dos conservadores a Francisco. A partir de 2014 o papa abordava com liberdade e de forma inusitada temas complexos e espinhosos e isso não foi bem acolhido pelos conservadores. O Sínodo discutiu, dentre tantas outras questões, matrimônio, divórcio, contracepção, coabitação, segunda união e a relação das famílias com crianças LGBTQI+. O objetivo era refletir como a Igreja poderia responder pastoralmente às necessidades das famílias no mundo contemporâneo.

Os cardeais Raymond Burke e George Pell, primeiro dos Estados Unidos e o segundo australiano, não esconderam o desconforto em lidar com esses temas. Revelaram sua indignação publicamente e estavam convencidos a defender a disciplina tradicional da Igreja. Para eles era inconcebível admitir os divorciados em segunda união na mesa da comunhão. Segundo afirmam, ambos abandonaram uma reunião do Papa Francisco com os cardeais em fevereiro de 2014, deixando bem claro que não compactuavam com as reflexões em curso (Paul Haring/CNS).

Irredutíveis, os cardeais citados acima não escondiam mais seu descontentamento com o estilo do Papa Francisco. Para eles o modo do papa argentino governar ameaçava seriamente o futuro da autêntica Igreja de Cristo. Não aprovaram também o inteiro processo sinodal proposto pelo Papa. Segundo Christopher Lamb, em papados anteriores, atitude semelhante levaria inevitavelmente a demissão de ambos do colégio cardinalício.

Outra razão de grande descontentamento foi a publicação da *Amoris Laetitia*, *Exortação Apostólica* de 2016. A alegria do amor. Nela, Francisco abre as portas da Igreja definitivamente para acolher os divorciados e casais em segunda união. Com acompanhamento e discernimento pastoral poderão inclusive receber a comunhão eucarística. Era o que faltava para azedar de vez a relação dos

conservadores com Francisco. A rejeição ao documento ainda hoje parece ser enorme, o que explica a sua não implementação nas igrejas locais. Diante de tantas polêmicas, Francisco aconselhou que os fiéis focassem na mensagem central da exortação: a importância do amor, da misericórdia e do acompanhamento personalizado aos casais e famílias, em suas diversidades e desafios.

A resistência à *Amoris Laetitia* ganhou uma nova face quando reuniu quatro cardeais que formalizaram cinco questões “dubia” que foram endereçadas diretamente ao papa. Os cardeais Carlo Caffarra (Itália), Raymond Burke (Estados Unidos), Walter Brandmuller (Alemanha) e Joachim Meisner (Alemanha) saíram do silêncio e iniciaram uma verdadeira luta contra o Papa. As mesmas questões enviadas a Roma foram também publicadas, ficando acessíveis ao grande público. A intenção dos cardeais era a desestabilização do pontificado de Francisco. As críticas e ataques se multiplicaram. Exigiam uma explicação imediata e clara do papa sobre aquelas que eles consideravam uma grave desorientação e grande confusão, levantadas pelo Sínodo sobre a família (<https://www.ncregister.com/news/four-cardinals-formally-ask-pope-for-clarity-on-amoris-laetitia>).

Os cardeais obrigavam Francisco a explicar as ambiguidades de sua exortação. As “*dubia*” elaboradas pelos cardeais, revelam como “*Amoris Laetitia*” se transformou numa espécie de caminho sem retorno para os conservadores e críticos de Francisco, (Austen Ivereigh: *Wounded Shepherd, Pope Francis and His Struggle to Convert the Catholic Church*).

Para o britânico Christopher Lamb, as “*dubia*” não eram uma proposta de diálogo, os cardeais queriam um simples “sim” ou “não”. Na verdade, era um ataque direto e injustificado ao processo sinodal de Francisco. Pois, para os especialistas, a exortação não subestima nem nega o valor da doutrina da indissolubilidade do matrimônio. E os conservadores estavam conscientes da retidão do documento de Francisco, mas temiam que essa abertura pudesse conduzir a Igreja a

render-se ao modernismo. O papa atraiu ainda mais a ira dos conservadores quando expôs que eles defendiam na verdade uma ideologia mascarada de catolicismo autêntico.

A constatação geral é que depois de *Amoris Laetitia* os críticos de Francisco não escondiam mais suas resistências ao Papa e passaram a rejeitar abertamente a todas as iniciativas e ensinamentos dele. As críticas são severas e às vezes perversas, não se importando nem com o bem estar do idoso papa nem com os ferimentos que porventura podem causar à Igreja. Rejeitam desde a diplomacia do Vaticano com a China como o diálogo do papa com o mundo muçulmano.

A misericórdia se tornou mensagem central do pontificado e ensinamento de Francisco e se converteu também em mais uma fonte de fortes resistências ao seu papado. Foi celebrado o Jubileu da misericórdia em 2015 e o Papa voltou ao tema em muitas outras oportunidades. O Papa lembra que durante muito tempo estava em voga o julgamento, agora chegou o tempo propício para anunciar a misericórdia e proximidade de Deus. Insiste que os pastores devem se aproximar das pessoas a fim de acompanhar melhor e curar suas feridas.

Sonha com uma Igreja parecida com um hospital de campanha, aberta e pronta para acolher e curar as feridas que entristecem e causam a morte do povo. Diante dos novos modelos de família e de pessoas com opções sexuais diferentes como é o caso das pessoas LGBTQIA+ ele simplesmente se pergunta: “quem sou eu para julgar”? E indica o respeito e acolhimento como única via sensata e possível.

O ensinamento da Igreja continua o mesmo, não houve mudanças significativas, o homossexualismo continua sendo um ato desordenado, mas a postura de Francisco é a de um pastor misericordioso e não de um juiz disposto a julgar, condenar e punir. A doutrina é a mesma, mas a postura humana e respeitosa muda muita coisa. No entanto, a revolta contra o papa aumentou consideravelmente devido sua posição frente a tais problemas.

O Sínodo da Região Amazônia, ocorrido em 2019, em Roma, foi uma fonte de enormes controvérsias desde seu início. A fúria dos opositores e críticos do papa, que já estava sendo gestada e só aguardava a ocasião propícia para se manifestar, explodiu e veio à tona quando uma estátua de madeira de uma mulher grávida foi entregue ao papa pelos indígenas que participavam do sínodo. A estátua era uma representação de Nossa Senhora da Amazônia, porém os multiplicadores de mentiras espalharam logo que era uma representação da *Pachamama*, uma deusa Inca dos Andes.

As abordagens sobre desmatamento e proteção ambiental, ecologia integral, cultura indígena e tantos outros temas importantes foram absolutamente esquecidos e ignorados e comentavam apenas os assuntos mais polêmicos, como o ministério ordenado para mulheres e o possível fim do celibato para sacerdotes na região da Amazônia.

Recentemente, a partir de 2021, os conservadores católicos começaram a difundir falsamente que o Sínodo sobre a sinodalidade representaria um projeto para destruir e decretar o fim da Igreja Católica.

As críticas aos Sínodos, em geral, são infundadas e maldosas e não tem interesse pelos fatos. É o que costuma acontecer também no mundo político dos últimos tempos, no qual reinam as Fake News.

No entanto, Francisco não enxerga os Sínodos como um movimento político ou como luta estabelecida entre progressistas e conservadores. Francisco compreende o sínodo como um processo de discernimento espiritual e eclesial, que deve ser marcado por uma atitude de oração e de diálogo. Atitude fundamental é a abertura do coração ao Espírito Santo. Não é uma convenção qualquer, como a de um sindicato, mas um evento sustentado pela graça e guiado pelo Espírito Santo. Por isso, o Sínodo é um caminho seguro para a renovação da Igreja, aberto à participação e contribuição de todos, tendo em vistas a comunhão e bem da Igreja.

A sinodalidade é para Francisco uma dimensão fundamental da Igreja que se expressa no consenso entre os fiéis, na colegialidade episcopal e na primazia do Bispo de Roma. O Sínodo ajuda a Igreja a responder com criatividade aos novos desafios que vão surgindo com o desenvolvimento da história. É um ótimo instrumento para uma evangelização mais eficaz do mundo contemporâneo, colocando em prática aquilo que deve ser essencial numa Igreja: a comunhão e a participação.

6. Como o Papa Francisco entende as reformas

O Papa Francisco enfrenta inúmeras dificuldades dentro da Igreja tanto de progressistas como de conservadores, conforme acenamos acima. Para os primeiros o Papa é demasiado lento e incapaz de promover as reformas para adequar a Igreja aos tempos atuais. Para os segundos, Francisco põe em risco a Igreja quando promove reformas que contrariam ou negam os seus ensinamentos oficiais e a sua tradição. Falta-nos compreender, porém, como o próprio Francisco entende a caminhada da Igreja e a dinâmica das mudanças.

As ideias de Francisco acerca das necessárias reformas na Igreja estão em plena sintonia com o ensinamento de Bento XVI, seu predecessor. Em 2005, ao se dirigir à Cúria Romana, o papa alemão sublinhou a importância da hermenêutica para compreender a Igreja antes e depois do Concílio Vaticano II. A hermenêutica explica que a Igreja se realiza no tempo a partir da dinâmica entre rupturas e continuidades. Guiada pelo Espírito, a Igreja é uma instituição em constante busca de perfeição, o que implica e exige mudança. Renovação e continuidade são imprescindíveis na vida de uma instituição que almeja progredir. Renovando, ela se adequa aos sinais dos tempos, e, continuando, se mantém fiel à sua essência.

A vida eclesial é fundamentada na revelação de Jesus Cristo. A Igreja é um presente de nosso Senhor. Ele mesmo ensinou que ela é, essencialmente, renovação e continuidade. A Igreja que Jesus fundou é viva e por isso precisa mudar sempre, para se aperfeiçoar infinitamente. Enquanto peregrinar sobre a terra, deve buscar, com a

ajuda do Espírito Santo, a perfeição. Somente na plenitude dos tempos será perfeita e não necessitará mais de mudanças.

Na perspectiva do Papa, para uma reforma bem-sucedida é fundamental contar com homens e mulheres renovados. Não é suficiente contar com novos homens e novas mulheres, não é uma mera questão de trocas. Por isso, em 2016, ao se dirigir aos membros da Cúria, suplicou que todos se deixassem renovar a si mesmos, pessoalmente, profissionalmente e espiritualmente. As reformas serão fruto de uma formação permanente e de um constante diálogo e purificação. Há a necessidade da mudança de mentalidade, do contrário, esforços e implementação de novas práticas seriam sempre insuficientes e falimentares.

A formação permanente está presente nos sermões e publicações do Papa. Sempre que tem oportunidade ele alerta sobre os obstáculos que impedem a Igreja de realizar adequadamente sua missão. O Papa explica sua compreensão sobre as reformas quando se dirige à Cúria Romana e lembra que sua tarefa primordial é a evangelização. Que sua missão é inseparável do testemunho de comunhão, tornado possível pela encarnação de Deus feito homem. Por fim, sustenta que a dimensão eclesial precisa estar intimamente ligada à missão evangelizadora e que essa comunhão deve ser uma característica permanente da Igreja pós-conciliar.

Também fica clara a reforma desejada pelo Papa quando ele denuncia o clericalismo reinante na Igreja. Francisco está a indicar permanentemente que a sua reforma passa pela utilização dos Sínodos como ferramenta genuína e original de diálogo e de participação, único evento eclesial capaz de lançar luz na missão evangelizadora da Igreja e de criar consenso mínimo entre o povo de Deus.

A reforma da Igreja de Francisco se dá com o retorno às bases, às origens. É preciso voltar ao Evangelho e não ao catecismo, a fim de fazer a Igreja progredir. Para evoluir e progredir a história nos ensina a olhar para o futuro. Francisco nos indica a necessidade de olhar para trás, quando tudo começou. O progresso é retornar ao passado, a Nosso

Senhor. Eis a chave para compreender a reforma de Francisco. Essa parece ser também a mesma perspectiva do Concílio Vaticano II.

Isso talvez explique a razão de, às vezes, ele recuar. É verdade, por exemplo, que ele promoveu lentamente algumas pequenas mudanças no trato com as mulheres na Igreja. Porém, apesar de o número de mulheres contratadas para trabalhar na Santa Sé ter aumentado, o número de mulheres em postos de comando é muito insignificante. E ele vetou qualquer possibilidade para as mulheres poderem exercer o ministério ordenado. Isso pode soar como um recuo, pois eram enormes as expectativas de mudança sobre esse tema.

Outro exemplo foi quando, em 2020, ele recuou na tentativa de ampliar as exceções para o clero católico no que se refere à exigência do celibato. Francisco desapontou bom número de fiéis e aliados quando recusou a admissão de homens casados para servir como presbíteros na Igreja da Amazônia. A atitude de Francisco fez com que muitos aliados dele, incluindo os da América Latina, perdessem a esperança de mudanças no que se refere ao celibato. Muitos duvidam que esse tema seja novamente colocado em pauta em seu pontificado.

Consciente da necessidade de mudanças, Francisco introduz lenta e progressivamente temas complexos nos debates que são travados no Vaticano. Passo a passo ele aborda a questão da participação das mulheres na vida e nos postos importantes da Igreja. Está sempre recordando da importância de acolher, respeitar e enfrentar a questão do LGBTQIA+. Não tem pressa, pois sabe que uma reforma rápida e grande poderia ser dramática, abrindo feridas e enfraquecimento da Igreja de Cristo. Por outro lado, como pastor, ele não pode deixar de lembrar dos esquecidos e marginalizados. Sua ação deve ser prudente e cuidadosa, mas ninguém pode ficar para trás.

Vimos que ele não teme as críticas pessoais, seu cuidado é com a Igreja, é nela que ele pensa quando age, seja para avançar ou recuar. É um pastor atento e fiel. Atento à tradição e fiel ao evangelho, atento aos sinais dos tempos e responsável pelo rebanho inteiro. Seguindo

essa compreensão, Francisco não tem receio algum em recuar, desde que seja para o bem da Igreja.

Sabemos que nem todas as reformas serão realizadas por Francisco, mas alguns especialistas acreditam que as bases que ele lançou poderão apresentar desafios importantes para quem quer que surja de batina branca no próximo conclave.

7. Como Francisco lida com tantas críticas e resistências ao seu pontificado

Apesar das intermináveis críticas, Francisco continua cheio de vitalidade e esperança. Como lembramos acima, ele está entre duas alas bem radicais, ambas insatisfeitas, por razões opostas, com seu governo. Recebe críticas pesadas da ala progressista, sobretudo alemã, que expressa indignação e desânimo com o fato dele não ter avançado suficientemente na reforma da instituição em crise. E é igualmente criticado pela ala conservadora por promover inúmeras e perigosas transformações que colocam em risco o futuro da Igreja. De uma parte, é acusado de ser reformista radical e, de outra, de ser mais um produto de uma instituição lenta demais para perceber os sinais do tempo e promover as necessárias adaptações.

Diante de tanta agressividade e críticas era de se esperar constantes reações e punições por parte do Vaticano. No entanto, raramente houve reações e punições aos rebeldes. Por que razão os inimigos declarados do Papa não são punidos nem perdem seus benefícios?

Christopher Lamb afirma que as críticas pessoais provenientes dos conservadores não impactam seriamente o Papa. Entristece o papa e o deixa profundamente abatido somente as críticas que ferem e enfraquecem a Igreja. Certa vez o papa se lamentou com profunda tristeza que um canal de televisão católico estava fazendo os trabalhos do diabo quando feria a Igreja através de ataques e críticas ao papa. As preocupações do Papa estão muito além de si mesmo, ao contrário, seu desejo é unicamente cuidar da Igreja a ele confiada.

As críticas são necessárias à Igreja e revelam que nela há liberdade. Repreender os seus opositores passaria a imagem de um regime ditatorial, no qual o ditador não permite nenhuma manifestação contrária à sua. Ninguém tem direito à fala num sistema autoritário. Razão pela qual o Papa permite e até incentiva a livre expressão do pensamento, inclusive àqueles que deveriam por ofício manifestar sua amizade e comunhão incondicional ao sucessor de Pedro.

A Igreja não deve erguer barricadas ou construir fortalezas para se proteger dos ataques do mundo e se manter pura, isenta de contaminações. Para Francisco a Igreja é essencialmente missionária e deve estar constantemente em *saida*. Mais do que preocupar-se com a própria segurança, ela deve ser obediente ao Bom Pastor e seguir firme em sua missão. Deve ter coragem para superar a tentação de pureza moral e de uma total transparência doutrinária para assumir com criatividade sua missão evangelizadora. Somente assim ela poderá alcançar os corações mais distantes e anunciar-lhes a proximidade e ternura de Deus. Arriscar é preciso.

O Papa lembra que Jesus mesmo nos alerta “Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos” (Mt 10,16). Jesus não nos autoriza a enfrentar os lobos com bons argumentos ou usar contra-argumentos a fim de defender a nós mesmos. Nem nos autoriza a fazer-nos da violência para afastá-lo. A intenção de Jesus é que tornemos relevantes, numerosos e prestigiados. Unidos no amor, o mundo vai nos ouvir e nos respeitar. Esse é o caminho da vitória e do triunfo sobre os lobos, que fugirão amedrontados. O Bom Pastor nos envia como ovelhas, como cordeiros. É permanecendo mansos e humildes que o Senhor nos defenderá contra os lobos ferozes. Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos.

Francisco está preocupado e focado em ensinar aos homens e mulheres de todos os tempos e lugares, especialmente os que estão com o coração partido e com espírito abatido (Sl 34 e 130) que Deus está sempre por perto e que junto Dele está a misericórdia e a plenitude

da redenção. Não obstante as críticas, Francisco continua sereno e cheio de paz em sua missão de apascentar o rebanho.

8. O que esperar de Francisco

O que ainda podemos esperar de um papa de 87 anos, que sofre com problemas respiratórios graves e que apresenta sérias dificuldades de mobilidade? Pois bem, a idade já avançada não tem sido um obstáculo para que o papa cumpra sua recheada agenda. Como não tem impedido também suas viagens pelo mundo. E, em 2023, o papa visitou a República Democrática do Congo, Sudão, Hungria, Portugal, Mongólia e França. Tudo indica que também, em 2024, acontecerão inúmeras viagens internacionais.

Conviver com saúde frágil não é novidade para Francisco. Desde jovem aprendeu a lidar com as limitações impostas pela enfermidade, sobretudo quando se viu obrigado a retirar um dos pulmões. O papa está consciente da fragilidade de sua saúde, e que ela anda bastante abalada. Como sabe também que a sua idade impõe limites irreversíveis, porém tem se mostrado animado e determinado a continuar o ministério a ele confiado, apascentar o rebanho de Cristo.

Tudo indica que o Papa deve apontar novos cardeais que compartilham sua visão de mundo e de Igreja. O número de cardeais indicados pelos papas João Paulo II e Bento XVI está diminuindo cada vez mais, por isso as novas escolhas serão fundamentais para orientar e definir o futuro da Igreja.

Está marcada para outubro a segunda assembleia sinodal, na qual muitas mudanças podem ainda acontecer. Segundo especialistas, dentre tantos outros, há na pauta do Vaticano o problema do uso dos anticoncepcionais. Adiantam que algum documento sobre o tema poderá ser lançado logo após o Sínodo. No entanto, são temas complexos que exigem muita reflexão. Não é fácil mudar o ensinamento da Igreja sobre temas complexos como família, homossexualidade e o papel das mulheres na vida da Igreja.

Os vaticanistas que acompanham o papa de perto e que analisam os mínimos detalhes do seu dia a dia, revelam que Francisco continua trabalhando incansavelmente. Mantém conversas com especialistas e com pessoas de diferentes posições a fim de conhecer as principais opiniões existentes e formar a sua própria sobre temas complexos e sobre os rumos da Igreja. Portanto, num futuro bem próximo poderemos ter novidades. Com Francisco, surpresas podem surgir a qualquer momento.

Para concluir, vale repetir as palavras do Padre José Antônio de Oliveira, do clero marianense, ao falar do Papa Francisco: também é notório o seu jeito de ser como Jesus: por um lado, bate forte na hierarquia, nos consagrados, nas lideranças religiosas, mas, por outro lado, é pura compaixão com o povo lascado e sofrido. Boa notícia para uns e pedra no sapato para outros. E, apesar de todas as críticas dirigidas ao Papa pelos conservadores e críticos de plantão, Francisco nunca feriu a ortodoxia, concluiu.

REFERÊNCIAS

BENTO XVI, Papa. *Discurso à Cúria Romana na apresentação dos votos de Natal* (2005). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/december/documents/hf_ben_xvi_spe_20051222_roman-curia.html>. Acesso em: 14 set. 2023.

CHUA-EOAN, Howard; DIAS, Elizabeth. Pope Francis, The People's Pope. *Times*, 11 dez. 2013. Disponível em: <<https://poy.time.com/2013/12/11/person-of-the-year-pope-francis-the-peoples-pope/>>. Acesso em: 14 set. 2023.

FAGGIOLI, Massimo. *Pope Francis: Tradition in Transition*. Oxford University Press, 2019.

FRAGA, Brian. For 10 years, Pope Francis outlasts the conservative resistance. *National Catholic Reporter*, 01 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.ncronline.org/vatican/vatican-news/10-years-pope-francis-outlasts-conservative-resistance>>. Acesso em: 14 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. Homília do Santo Padre *Santa missa pelas vítimas dos naufrágios* (2013). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html>. Acesso em: 14 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. Carta encíclica *Laudato si'* (2015). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 14 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* (2016). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html>. Acesso em: 14 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. Exortação apostólica pós-sinodal *Querida Amazonia* (2020). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html>. Acesso em: 14 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. Exortação apostólica *Laudate Deum* (2023). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/20231004-laudate-deum.html>. Acesso em: 14 set. 2023.

IVEREIGH, Austen. *Wounded Shepherd: Pope Francis and His Struggle to Convert the Catholic Church*. New York: Henry Holt and Co., 2019.

LAMB, Christopher. *The Outsider: Pope Francis and His Battle to Reform the Church*. Orbis Books, 2020.